

# Apoio Médico-Sanitário

1961 – 1975

*teatro-de-operações  
de*

## *Angola*

(subsídios para a História)



1961 – Março.19

– «Perto de Zalala, a 4km de Nova Caipemba, durante a madrugada a Fazenda São José de João Martins Ferreira é atacada e morrem três assalariados; um rapaz mestiço ali empregado é ferido mas defende-se à cacetada e consegue escapar numa carrinha, dando o alarme em Nova Caipemba; dali foge para o Toto com outro companheiro, mas pelo caminho este é abatido pelos terroristas. Também na área de Nova Caipemba, na fazenda do agricultor Constantino, os indígenas lançam-se ao assalto da residência onde se encontra a esposa e o filho mais novo. A pobre senhora foge aterrada para o capim, (onde permanece três dias e de onde sai por milagre). O filho fica e, de revólver em punho, faz frente à matula ébria de drogas e do sangue quente das suas vítimas. O rapaz atira, calma e certeira, e os facinoras desistem do ataque frontal à propriedade, começando a desviar-se para as traseiras. Chegam reforços [no dia 22] e a debandada dos terroristas faz-se imediatamente. Um irmão deste valente rapaz, ficou gravemente ferido e foi internado num hospital de Luanda.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> (in "Braseiro de Morte", pp.78-80)



1961 - Junho.10 (sábado)

Em Luanda, todos os militares feridos em combate que se encontravam no Hospital Maria Pia, são transferidos para as novas instalações do HM124, um edifício junto à Maternidade.



As forças Armadas passaram a ter em Luanda o seu hospital privativo.

Aproveitou-se, para o efeito, um edifício agora concluído, situado junto da Maternidade, que fora adaptado ao fim a que se destina.

O sr. Governador Geral visitou as suas instalações, logo que estas se deram por concluídas, acompanhada dos srs. General Comandante das Forças Armadas, Comandante da Região Aérea, Comandante Naval e de muitas outras entidades.

O director do Hospital, major-médico, dr. Alfredo Alexandre Ribeiro de Magalhães, acompanhou aquelas entidades na visita ao edifício dando-lhes explicações sobre o seu funcionamento.

As impressões colhidas foram as melhores.

Em curto espaço de tempo, puderam ali instalar-se amplas enfermarias, salas de operações e de curativos, dotadas do equipamento necessário e todos os serviços exigíveis por um estabelecimento desta natureza.

Já no átrio do edifício, o sr. Comandante das Forças Armadas da Província, general Monteiro Libório, dirigiu palavras de agradecimento ao sr. Governador Geral, por todas as facilidades que concedeu e determinou para a instalação rápida, capaz e eficiente do Hospital Militar. Agradeceu ainda a colaboração dos departamentos oficiais, distinguindo nessas referências os Serviços de Saúde e a Câmara Municipal de Luanda.

O sr. Governador Geral, em resposta, disse não lhe serem devidos agradecimentos, pois é dever de todos nós, principalmente de mim, colaborar e cooperar com as Forças Militares.

Os doentes militares que estavam internados no Hospital Maria Pia, desta cidade, foram já transferidos para o Hospital Militar.



## AS FORÇAS ARMADAS TÊM AGORA HOSPITAL PRIVATIVO

Nas gravuras de cima para baixo, o sr. Governador Geral, ao ser recebido no novo Hospital Militar, visitando as enfermarias e, à saída, ouvindo palavras de apreço e agradecimento do sr. General Comandante das Forças Armadas.





1961 – Julho.28

No noroeste de Angola, decorre o 2º dia da Operação Pedra Verde.

– «A operação de progressão foi suspensa. Havia que trazer os [3] mortos e os [10] feridos. A decisão foi tomada, sem demoras. Segundos podem salvar vidas. Indecisões podem causar tragédias. O sargento enfermeiro [furriel miliciano enfermeiro Adriano Barros Pedrosa Ribeiro, da CCE63], e os maqueiros tinham que ir, por dever de especialidade. Outros militares foram voluntários. A solidariedade e a fraternidade acima de tudo. A guerra une os homens, fortifica o sentido de irmandade. O dever de assistir o irmão em sofrimento surge como valor supremo. O altruísmo, sempre como primeiro valor, nos transes difíceis. Um condutor artilheiro, homem tripeiro, cara picada pelas bexigas, correu para o jipão. O soldado Elias arrumou duas macas na viatura e o sargento enfermeiro mandou seguir, com duas bolsas de socorrista. O jipão entrou na picada, curvou para a esquerda do monte Senvo e desapareceu engolido pelos capins.

- «O jipão artilheiro parou no local de segurança, onde o capitão ‘caçador especial’ [Luís Artur Carvalho Teixeira de Moraes] coordenava a condução das operações. [...] O sargento enfermeiro, owarensense dos três costados, já um pouco cacimbado, [...] tomou conta da situação e dos esforços a empreender. Lado a lado com o soldado Elias, ambos arrastavam uma maca, aproveitando o sulco de uma pequena ravina que corria, pela direita, na direcção dos feridos e dos dois socorristas. Rastejavam puxando as macas, palmo a palmo, que, para maiores facilidades, foram atadas a um pé. Improvisação que não consta dos manuais da evacuação bélica. As balas picavam nas proximidades, num plano mais elevado. O mais pequeno descuido seria a morte. Sempre rastejando, rentes ao solo, o sargento e o soldado Elias chegaram junto do alferes “Pombinho” [José Francisco Campina Sequeira Cantinho, da CCE63] que, deitado de costas, gemia dolorosamente. [...] Em esforços de raiva, o sargento enfermeiro e o soldado Elias, ajeitaram carinhosamente o corpo do alferes na maca e ajustaram levemente as cintas imobilizadoras. Entre a vida e a morte, no jogo da guerra, nos transes da raiva e do desespero. [...] Chegaram ao corpo de um soldado negro, que apanhara uma rajada pelas pernas, esmigalhando-lhe os ossos. Olhos muito abertos e uns ligeiros suspiros nos lábios sangrando poeiras. Os calções azuis ensanguentados. [...] Arrumaram o ferido na maca. Outros feridos esperavam mão salvadora, mão que os libertasse daquela descida aos infernos da guerra, na picada Catuta, na picada da morte, arvorada em visão dantesca e demoníaca, onde os clamores eram vivos de raiva. Que os mortos seriam retirados depois. Os ‘caçadores especiais’ sempre a fazer fogo de protecção, varriam a saída da mata, que era zona de morte, cobrindo a acção de salvamento dos feridos e da recolha dos mortos. Como transportar as macas com os corpos feridos? A pulso, sem cobertura natural do terreno, era impossível sem ser atingidos pelos tiros dos guerrilheiros. Puxar pelas macas pesadas, a rastejar, era penoso e difícil. O sargento enfermeiro mandou um maqueiro, comunicar ao capitão ‘caçador especial’ que precisava de cordas para retirar os feridos. O capitão mandou um estafeta à tropa da retaguarda a pedir as cordas. Por sorte, a palamenta dos obuses estava dotada de cordas com dez metros. Logo o estafeta [...], no jipão da Artilharia correu com as cordas misericordiosas através do monte Senvo. [...] O sargento enfermeiro rastejou para a maca do alferes. O soldado Elias rastejou para a outra maca. Ataram as cordas às macas, com firmeza, de modo a poderem ser puxadas. Afastaram-se uns metros e experimentaram. As macas deslizaram sem grandes dificuldades. Rastejaram e esticaram as cordas no seu comprimento. O sargento enfermeiro, o soldado Elias e os dois soldados maqueiros puxaram pelas cordas. As macas, empeçando nos caules do capim e nas saliências do solo, venceram as distâncias para a segurança, para a libertação. Chegou primeiro a maca com o alferes, que logo foi levada para o jipão da Artilharia, que de imediato arrancou para a estrada. Depois, a maca com o soldado negro, que foi levado, em braços, para a retaguarda, até ao regresso do jipão. O soldado Elias rastejou, com a maca, sempre praguejando, “Filhos duma puta! Filhos duma puta!”, para junto do outro soldado negro, ferido numa anca e um tiro no pescoço. Colocou-o na maca e procedeu de igual modo, até o ferido estar em lugar seguro e logo foi transportado para a zona de reunião, determinada pelo capitão ‘caçador especial’. O terceiro ferido, um soldado negro, já não precisou de maca. A parca da morte cortara-lhe o fio da vida, derramando-lhe o sangue no campo da honra, na picada Catuta. [...] “Matem-me!... Matem-me!... Por favor... matem-me!...”, gritava o alferes rasgando a camisa, com mãos agitadas por excessos de dor e de rancor. O alferes miliciano médico [José Sampaio de Castro Ferreira], preparou-o para a evacuação, adaptando compressas nas feridas, mumificando-lhe o tronco com algodão e ligaduras. Injectado com morfina, com o rosto lívido, fechado numa máscara de dor, foi acomodado na maca de campanha.

- «Colocada a maca num jipe, improvisado de ambulância, foi levado para o Úcuva, onde uma avioneta o esperava numa pista de aterragem, improvisada numa plantação de sisal, para o transportar para o Hospital Militar. [...] O jipão artilheiro, viatura de ligação entre a frente de batalha e a retaguarda, logo chegou com os dois soldados negros feridos. [...] Observados pelo médico e tratados pelos maqueiros, de imediato os feridos seguiram para o Úcuva, numa GMC improvisada de ambulância.»<sup>1</sup>



Ambulância e jipe, nas imediações da Pedra Verde, para evacuação de feridos

<sup>1</sup> (extractos, de narrativa do oficial de artilharia Albano Mendes de Matos, in [cinasdeguerra.blogspot.com](http://cinasdeguerra.blogspot.com) 10Mar2008:

- «Registo parcial das minhas memórias nas acções na Pedra Verde: na manhã do dia 28 de Julho de 1961, travou-se uma das mais longas batalhas da Guerra em Angola. A operação, envolvendo um Pelotão Reforçado de Infantaria de Luanda, o Esquadrão de Cavalaria 149, a 4ª Companhia de Caçadores Especiais e o 3º Pelotão da Bateria de Artilharia 147, com armas ligeiras, pesadas e obuses, prolongou-se por mais de seis intermináveis horas. O palco ou campo de batalha, situava-se nas imediações da Pedra Verde, morro pedregoso denominado Camucongolo, com incidência na picada Catuta ou Senvo, região dos Dembos a nordeste do Úcuva»)



## Chegaram a Luanda enfermeiras para-quadistas

A mulher portuguesa tem colaborado de uma forma decisiva na solução dos problemas resultantes dos ataques de que Angola foi alvo por parte dos terroristas. Quer na Cruz Vermelha, quer por intermédio do Movimento Nacional Feminino, quer, agora, por intermédio do seu alistamento na Força Aérea, tem sido de uma dedicação e de uma compreensão extraordinária para com o esforço que o homem português vem realizando. Aliás, toda a participação da mulher portuguesa na actual conjuntura não é mais do que o repetir de muitas tomadas de posição idênticas no decurso de acontecimentos difíceis da vida da Nação.

Como os jornais largamente noticiaram, a Força Aérea Portuguesa criou um Corpo Especializado de para-quadistas femininas. Alistaram-se onze elementos com o curso de enfermagem. Submetidas a intenso treino, as voluntárias fizeram os seus exames em grande parte com sucesso.

Há dias, chegaram a Luanda os dois primeiros elementos — as enfermeiras Arminda Lopes Pereira e Ivone Reis. Acolhidas afectuosamente pelos seus camaradas de armas, as duas jovens confessaram-se encantadas com o seu novo modo de vida e mostraram-se absolutamente decididas a bem executar qualquer missão que lhes venha a ser confiada.

Bem haja a mulher portuguesa por assim saber colaborar com os homens na defesa da Pátria! Quer pelo amparo espiritual, quer pelo esforço despendido na Cruz Vermelha e no Movimento Nacional Feminino, quer, agora, na Força Aérea, todos nós, homens, temos a obrigação de manifestar publicamente o nosso conhecimento.



1961 – Agosto.23

Na BA9 em Luanda, as enfermeiras para-quadistas<sup>1</sup> Maria Arminda Lopes Pereira e Maria Ivone Quintino dos Reis, recém-chegadas de Lisboa, preparam-se para seguir amanhã para o AB3-Negaje, a fim de acompanhar posteriormente a largada da 2ªCCP do BCP21 sobre o sector terrorista da Serra da Canda.

– «A Força Aérea criou o seu próprio batalhão de para-quadistas em 1955 e em [5 de Maio de] 1961 criou um quadro de 5 oficiais e 1 sargentos, de entre [11] voluntárias femininas, que foram colocadas no Serviço de Saúde da Força Aérea (Enfermagem). Estas mulheres, cujo primeiro nome era, em todos os casos, Maria, foram as primeiras ó mulheres formadas [em 06Jun-08Ago61] pelo programa e ficaram conhecidas como “as seis Marias”. De início, [o PM] Salazar tivera alguma preocupação com as enfermeiras a prestar serviço em ambientes isolados e rodeadas de homens; no entanto, o general [i.e., coronel Kaulza de] Arriaga, então subsecretário de Estado da Aeronáutica, assegurou-lhe que todas as voluntárias seriam seleccionadas nas Escolas de Enfermagem [Franciscana das Missionárias de Maria e a de São Vicente de Paula] dirigidas pela Igreja Católica, e seriam por isso portadoras de uma forte moralidade. De facto, as irmãs que dirigiam as escolas apoiaram muito o plano e foram convidadas a conceder a típica boina verde às suas antigas alunas, quando estas se formaram no treino militar. Durante 14 anos que duraram os programas, houve 9 cursos que formaram um total de 48 enfermeiras para-quadistas, tendo todas elas actuado em ambiente de combate. [...] Quando a Força Aérea começou a recrutar e em 1961 a destacar as suas enfermeiras para a zona de combate, isso representava o pioneirismo de [...] reconhecer que as mulheres podiam fazer algumas coisas melhor do que os homens, particularmente ao proporcionarem uma ligação entre os feridos e a vida normal fora das zonas de combates. Este aspecto eficaz de assistência aos traumatizados das campanhas, é um claro exemplo de um cuidadoso pensamento que abrangia não só o apoio reconfortante e a assistência médica aos feridos e doentes, como também a mensagem global da preocupação pessoal que os portugueses estavam a tentar transmitir às pessoas nos três teatros. [...] A singularidade deste programa reside no compromisso português para com um conceito médico importante e na sua concretização, apesar dos papéis tradicionais das mulheres e da resistência dos serviços à inovação.»<sup>2</sup>

<sup>1</sup> (cf dec.42073 de 31Dez58 e adenda 43663 de 05Mai61; em 08Ago61 foram entregues “brevets” do curso de para-quadismo militar, às seguintes enfermeiras: Maria Arminda Lopes Pereira, Maria da Nazaré Mascarenhas e Andrade, Maria do Céu da Cruz Policarpo, Maria do Céu Fernandes Pedro Esteves, Maria Ivone Quintino dos Reis e Maria Zulmira Pereira André);

<sup>2</sup> (cf entrevista de John Cann em 02Abr95 ao coronel para-quadista Luís António Martinho Grão)

1963 – Janeiro.19

Em Luanda o director do HM124 informa que no ano transacto, aquele hospital militar registou 48 mil consultas externas, tendo sido tratados 4 mil doentes e feridos.



– «O relatório apresentado em 1963 pela missão da OMS sobre as três possessões portuguesas em África, conclui afirmando: "1º- Que os Serviços de Saúde destes três territórios são exemplares; 2º- Que o Código de Trabalho, destinado a proteger a mão-de-obra autóctone contra o abuso, é estritamente aplicado; 3º- Que os hospitais são 'first class'; 4º- Que não existe discriminação racial".»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> (John Biggs-Davison, in "Portuguese Guinea - Nailing a Lie" pp.19/20, Londres 1970, parlamentar britânico, em 1962 visitou Angola e no final da estadia concedeu em Luanda uma conferência de imprensa);



*Distribuição de mantimentos no Posto da Cruz Vermelha em Maquela do Zombo*

– «Os nossos serviços de saúde na Guiné, em Angola e em Moçambique nunca perguntavam aos que os procuravam qual a sua nacionalidade e atendiam por igual os portugueses e os naturais dos Estados vizinhos, os quais na falta de meios de tratamento nos seus países acorriam aos nossos territórios. Chegou-se ao ponto em Angola, de os médicos do hospital de Teixeira de Sousa na fronteira leste, se deslocarem várias vezes por semana ao hospital de Dilolo no Zaire, para operar, dar consultas e fornecer medicamentos!»<sup>2</sup>

<sup>2</sup> (Silva Cunha, op.cit pp.38/9)

